

GEOPOLÍTICA E AGRONEGÓCIO

Dois acontecimentos da segunda metade do século passado - o avanço e a qualificação da pesquisa agropecuária e a globalização – foram fundamentais para que o Brasil se tornasse, de forma rápida, uma potência mundial em alimentos, fibras e biomassa, com liderança na produção e na exportação em diversas cadeias produtivas.

Todavia, tomando-se emprestada uma expressão comumente usada no próprio campo, o mundo político fora da porteira fica cada vez mais complexo. Nesse novo contexto, as considerações habituais sobre os ambientes econômico e comercial terão que ser acrescida de cenários e riscos geopolíticos às decisões estratégicas do agronegócio. É a opinião de Sarah Theurich, diretora associada para América Latina da GeoEconômica.

Isto porque a geopolítica mostra como mudanças nas relações de poder internacionais afetam determinadas regiões do mundo. Exemplo, o agronegócio brasileiro tem na Ásia um destino importante das suas exportações. O que acontece com a China e sua inserção regional, com a maior competição entre EUA e China, ou mesmo com a Coreia do Norte, afeta decisivamente o ambiente de negócio do agro naquela região.

Ao mesmo tempo, o Brasil está no circuito dos investimentos estrangeiros diretos para infraestrutura e logística, tanto para o suprimento de insumos como para a exportação da produção agropecuária. Esses investidores também procuram se informar a respeito dos riscos políticos no Brasil e os riscos geopolíticos da América do Sul para decidir estratégias de investimentos.

Isso tem a ver com dois cenários: um externo e outro interno. No primeiro, ocorre a desconcentração do poder mundial iniciado há mais de duas décadas e ainda em curso. O sistema internacional contemporâneo deixou a unipolaridade do pós-Guerra Fria centrada no poder indiscutível dos EUA. A crise financeira de 2008 abriu espaço para a intensificação das relações EUA e China, com momentos de cooperação e competição entre eles. Isso poderá definir novas dinâmicas do sistema internacional nos próximos anos, com consequências importantes para o Brasil e a América Latina.

No plano geral afetará o ambiente estratégico do comércio e dos investimentos agropecuários em função do rumo a ser dado nessa evolução da configuração do poder internacional. Há incertezas geopolíticas ao longo da Eurásia – da Europa ao oriente Médio e Ásia – cujos mercados são expressivos no agronegócio.

No plano interno, a guinada ideológica do governo federal, a partir de 2003, a nova matriz econômica adotada após a crise de 2008 no cenário econômico mundial, e a crescente presença do estado na economia, criou um amplo ambiente de incertezas na economia. Além de que, o ambiente de insegurança por invasões de propriedades e depredações centros de pesquisa afetaram o ânimo dos investidores.

Completando este cenário, o jornalista econômico do *Financial Times*, Martin Wolf fez uma observação interessante de que “a economia mundial ainda não está se desglobalizando, mas não está mais se globalizando”. A política do “*American First*” e, em particular, o recuo dos EUA em relação à Parceria Transpacífica (TPP), assim como o *Brexit* na Inglaterra, são certamente sinais de certo receio no Ocidente em relação à globalização.

Segundo dados da Organização Mundial do Comércio (OMC), entre 1950 e 2008 a expansão do comércio global foi o triplo do aumento do PIB mundial. Mas, a partir de 2011, com taxas convergentes, o incremento do comércio ficou abaixo do registrado pelo PIB mundial em 2016. Essa desaceleração econômica e do comércio global pode descortinar tensões políticas antes matizadas por interesses e fluxos econômicos.